

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de L. DA SILVA GRACA, Limitada

Director ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa

Pão e amôr



Na semana da grève padeiral. Um guarda, substituindo os padeiros :

— Ai, Zefa! Agora é que vais ter pão saboroso e bem pesado.

A Zefa, pudibunda :

— Mas não faças nenhum dos tais de forma exquisita, não?



PALESTRA AMENA

GRÊVES

N'este momento, compreendemos a necessidade das grêves. Confessamos que até agora a não compreendíamos, que chegávamos a censurar as grêves, porque eramos vítimas d'elas, embora vítimas indirectas, porque o que o trabalhador pretendia visar era o capital, e de que estamos livres. Pois bem: nunca mais as censuraremos, antes as aprovaremos, ainda que d'elas resulte o termos de andar a pé, o não comermos pão, o não nos vestirmos, etc. etc.

Obedecendo a prescrição medica vemo-nos obrigados a passar dois meses do ano á beira-mar, para o que temos de alugar casa em qualquer praia — e como nos anos anteriores a temos alugado na Figueira da Foz, fazendo o contrato em Maio, para ali passarmos os meses de Agosto e Setembro, o mesmo fizemos no ano e mês que vão correndo, dirigindo-nos ha dias á referida praia e preparados para um golpe de cento e tantos mil réis, atendendo a que tudo está pela hora da morte, inclusive o aluguer de casas, já feitas ha muitos anos, isto é, muito antes do encarecimento.

Partimos, chegámos e... pela casa que no ano passado nos tinha custado cento e sessenta escudos, pediram-nos quatrocentos! Percorremos as ruas, visitámos tres ou quatro casas, que estavam para alugar, e a mais barata era de duzentos escudos, com quatro compartimentos acanhadíssimos, sem o mínimo desafogo, com frestas em vez de janelas!

Recorrer a outra praia? A jornada seria provavelmente em vão, porque todas teem os seus banhistas habituais e, consequentemente, as casas já devem estar arrendadas.

Ora então, uma grêve de banhistas está naturalmente indicada. Por não se ir um ano ou dois a banhos de mar ninguém morre; se os banhistas fizerem grêve dois anos, os excelentíssimos senhores da Figueira da Foz, que com o aluguer de cinco anos pagam o que o prédio lhes custou, com recheio e tudo, não de necessariamente humanisar-se, contentando-se com um modesto juro de 20 por cento ao ano, do capital empregado.

A esses quatrocentos e tantos escudos corresponderão, ao menos, comodidades e distrações que façam dar o dinheiro por bem empregado? Não—o desconforto da casa, a pobreza dos moveis, a pessima agua potavel, a poeirada das ruas, o lixo aos montes, tudo isso faz da Figueira da Foz uma das terras menos convidativas da provincia, acrescentando que este ano, o unico atrativo para meninas casadoiras, o Casino Peninsular, ao que nos informaram, talvez nem venha a abrir.

Vai uma grêvesinha?

J. Neutral.

Inovações tauromaquicas

Não sabemos se teem reparado que, digam o que disserem os pessimistas, ha entre nós uma arte que está adeantadíssima — é a arte tauromaquica.

Primeiro, porque já temos touradas duplas, com a praça dividida em duas partes, para outros tantos cornupestos, de onde se deduz que amanhã as poderemos ter triplas, quadruplas, etc. sendo até possível que ainda venham a dividir a arena em 12 partes, correndo-se ao mesmo tempo todos os toiros destinados á corrida, com manifesta vantagem de tempo, etc.

Segundo, porque a arte tauromaquica está influido poderosamente no



caracter nacional, melhorando o, como se provou ha quinze dias, na Moita, que pelo modo como recebeu José Casimiro deu, evidentemente, uma lição de boa educação á capital.

Terceiro, porque é tal a nobreza d'essa arte, a sua superioridade, que os alunos da Escola Medica, pessoas de alta cultura scientifica, a escolheram, pondo de parte qualquer das outras, para exhibirem as suas habilidades.

Por todos estes factos não nos repugna acreditar que, muito em breve, o homem seja destronado da sua elevada posição e o toiro passe a ser o rei dos animais.

Veraneio

Em casa das Torres ha grande azafama, porque, segundo o costume, vão passar o mês de junho ao campo. A Torres mãe, recomendando á criada:

—Que não esqueça nada, ouviste?

A criada, arrumando a mala do patrão:

—Meto dois fatos como o ano passado?

—Decerto, para o campo é preciso levar a roupa em abundancia, porque se suja muito. Tudo aos pares.

—Quantos pares de meias?

—O' molher! Dois, já lhe disse!

—Então arranjou casa no campo, D. Balbina?

—Arranjei, D. Eufemia; mas custou-me.

—E tem comodidades?

—Assim, assim.

—Tem autoclismo?

—Eu lhe digo, D. Eufemia: tem 6 compartimentos...

Torre de Chifre

Estrelas

São aos centos, são aos milhares,
Seguindo misterioso trilho
A palpar pelos ares
Com os encantos do seu brilho.

Mas mal vem a madrugada
Desaparecem as estrelas
E no ceu não resta nada
Da luz de nenhuma d'elas.

Ha estrelas na terra tambem
Mas só em duas reparo
São os teus olhos que tem
Um brilhar sereno e raro.

As do ceu desaparecem
Quando chega a luz do dia
As tuas então aparecem
Todas cheias de alegria!

E por isso as quero antes
Do que ás estrelas do ceu,
As tuas são mais brilhantes,
Mais encanto Deus lhes deu.

Artur L. S. Tavares.

O Estado pai

Esta coisa do Estado acudir ás companhias de seguros á custa dos tolos parece que não vai por deante, mas desde já lhes dizemos que achavamos bem o que estava decretado, porque vinha estabelecer um principio de grande alcance, qual era o da maioria contribuir directamente para o bem estar da minoria. Exemplifiquemos:

Os garotos apoquentam-nos na rua



a pedir dez réisinhos para o Santo Antonio, isto é, Santo Antonio precisa de dinheiro. Para que não sejamos apoquentados, que faria o governo? Decretava a obrigação de todo o cidadão português comprar um Santo Antonio de barro e segura-lo em qualquer companhia.

Fiquemos por aqui, antes que ao bico da pena nos acada algum exemplo menos innocente.



Cá está o Marques

O Marques tem um filho quasi tão inteligente como o pai. Imaginem : tem 16 anos e está já habilitado a fazer exame de instrução primaria.

Ora um dia d'estes estava o Marques a explicar historia de Portugal ao pequeno, quando veiu a pêlo o amôr de Pedro 1.º por D. Inês de Castro.

— Olha, disse o Marques, a trasladação do cadaver da desditosa, de Coimbra para Alcobaca, foi sumptuosissima. O acompanhamento foi a pé, aí umas 20 leguas!

O petiz : — Que maçada, com os caminhos como deviam estar n'esse tempo! — Eu te digo, observou o Marques, provavelmente toda aquela gente seguiu a estrada de macdam...

Barafunda primaria

Não sabemos se o leitor tem filhos, mas dado o caso de estar na idade propria e de bem compreender a sua missão social, tem, com toda a certeza. E se é um bom pai, necessariamente inicia seus filhos nos misterios da instrução primaria, a qual está agora uma d'estas trapalhadas de se lhe tirar o chapéu, segundo deprendemos d'uma entrevista que um nosso reporter acaba de ter com certo professor.

— Tenha a bondade de me dizer se os pequenos teem este ano exame elemental e complementar?

— Com franquesa... Parece que sim, quanto ao elemental, visto que se houver o complementar não se com-



preende que não haja o elemental, pelo principio de que não ha o todo sem a parte.

— Belo. Então, ha exame complementar?

— Ah! isso é que ainda se não sabe. Mas se houver o elemental, é certo que haverá o complementar, porque o elemental compreende apenas elementos...

— De modo que quem tiver um filho...

— O melhor é habilita-lo para a instrução primaria superior.

— Que é isso?

— E'... é... é uma primaria secun-

EM FOCO

RAFAEL MARQUES



Muitos misterios conta a Natureza! Jesus, o da tristissima jornada, E' agora Bazan, de capa e espada, O fidalgo arrogante na pobreza!

E já consta com visos de certeza, Nos centros de cavaco, á rapaziada, Que o mesmo cidadão não tarda nada, Que não se mude em Mouro de Veneza!

Mas o que mais assombra em tudo isto E' que Bazan, o nobre castelhano, O martir do Calvario, Jesus Cristo,

E o mouro ciumento e deshumano, E' um Marques (ó caso nunca visto) Como qualquer de nós — um fabiano!

BELMIRO

daria, isto é, uma primaria superior á primaria, uma coisa que...

— Não compreendo lá muito bem.

— Pois é facilimo de compreender. Entre a primaria e a secundaria ha a primaria superior, isto é, começa-se pela primaria infima, passa-se á primaria inferior e depois...

— Então posso procurar professor primario para habilitar o meu pequeno á instrução primaria superior?

— Professores primarios, que saibam ensinar isso, não ha; percebe... precisava de muitos conhecimentos... porque a instrução primaria superior é... é...

— Ah! ah! ah! Este ah! ah! ah! é uma gargalhada do nosso reporter, que n'essa altura da explicação não teve cerebro para mais, e ficou liru.

Fosforos a pataco

Acham caros os fosforos a dois centavos a caixa, ou sejam dois vintens, vinte réis ou um pataco, de ignominiosa memoria? Pois é um ovo por um rial, como se passa a demonstrar.

Primeiro, temos a caixa: Os senhores como não se servem da caixa, mas apenas do conteúdo, não se lembram de que os fosforos se vendem dentro d'uma caixa e de que a caixa custa dinheiro — o qual, por muito pouco que seja, pelo preço a que chegaram a madeira e a mão d'obra, nunca poderá ser menos de um centavo.

Bem. Agora vamos, propriamente ao pavio fosforico. O fosforo, quimicamente falando, é um metaloide hoje muito raro na natureza e, por consequencia, carissimo. Ora, cada caixa

de palitos fosforicos tem em média, uns dez com cabeça; as cabeças do fosforo não são menos de tres gramas d'ele, ou sejam seis decigramas para cada um. Agora, vão os senhores a uma farmacia ou a uma drogaria, peçam seis decigramas de massa fosforica e verão quanto lhes custa: um centavo, se não fôr mais. Dez pavios fosforicos, teem, pois, dez centavos de fosfose.

Falta calcular a madeira do pavio, que tambem é gente.

Os senhores sabem o preço por



que está a lenha, não sabem? Pois calculemos por baixo, em meio centavo, a lenha necessaria para os dez pavios fosforicos. Temos, se a aritmetica não é uma batata: um centavo, mais dez centavos, mais meio centavo somam, onze centavos e meio, ou, á antiga, cento e dez réis.

Logo a Companhia dos Fosforos vendendo cada caixa a pataco, perde n'ela setenta réis, pelo que o que o leitor tem a fazer é, em vez de se insurgir, ir á séde da dita benemerita entregar, o seu cartão de visita, a agradecer, com muito reconhecimento.

Os novos apreciadores d'arte



Na exposição de Belas-Artes. O esposo, perante o quadro de Salgado, para a esposa:

- Que dizes a este jumento? Está uma perfeição, não te parece?
- Só lhe falta falar!